

PLANEJAMENTO FINANCEIRO PARA MAGISTRADOS

BOLETIM - nº 6



AMB
Associação dos
Magistrados
Brasileiros





EDITORIAL

Prezados Associados,

Felizmente, estamos com um calendário repleto de *lives* com excelentes convidados, personalidades importantes na área de investimentos e uma agenda cheia preenchida, toda quinta-feira, até final de agosto (com algumas confirmações pendentes).

Se, por um lado, a possibilidade de trazer para tão perto da Magistratura e de cada um de vocês pessoas que têm muito a nos ensinar, por outro nos toma um tempo muito grande, especialmente para a preparação das *lives*, desde os contatos iniciais até o momento em que ela acontece, passando por diversas reuniões, ajustes, elaboração de notícia, escolha da plataforma, convites e divulgação, explicações sobre nosso trabalho, busca por convênios, descontos ou vantagens àqueles que concordam em firmar a parceria com a AMB e, finalmente, estudo sobre as instituições e os entrevistados para a adequada condução da *live*.

Tudo isso, evidentemente, sem descuidar das nossas atividades jurisdicionais, afinal, somos Magistrados e continuamos trabalhando em nossas Varas.

Por isso, conciliar todas essas atividades (sem esquecer das atividades domésticas e familiares) tem sido difícil e gerado certa instabilidade quanto à periodicidade do nosso Boletim.

Pelos *feedbacks* que temos recebidos, o trabalho tem tido grande aceitação e aprovação, o que nos deixa bastante satisfeitos, mas nem por isso deixaremos de

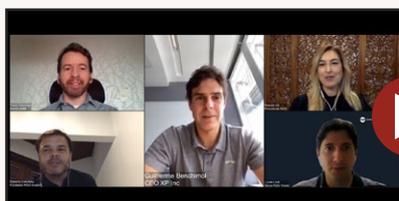


EDITORIAL

lado nosso compromisso de trazer, por escrito, um conteúdo útil e de orientação sobre organização financeira doméstica, investimentos, planejamento de aposentadoria e sucessório.

Nas *lives* organizadas pela AMB temos apresentado empresas que atuam no mercado financeiro, tirando dúvidas e obtendo conteúdo informativo e educativo dos convidados. Nas outras, fomos convidados também por Associações de Magistrados e apresentamos um conteúdo educativo e de orientação. Todas as *lives* poderão ser acessadas pelos *links* abaixo (exceto a realizada com a Associação dos Magistrados do Amazonas – Amazon, em 11 de junho, não gravada).

Lives organizadas pela AMB:



“[Segurança do Investidor e Cenário Econômico](#)”, com [Guilherme Benchimol, CEO da XP Investimentos](#), realizada em [29/06/2020](#)



“[A Palavra de Um Estrategista](#)”, com [Felipe Miranda, Fundador e Estrategista-Chefe da Empiricus](#), realizada em [03/07/2020](#)



“[Bate-Papo sobre Investimentos](#)”, com a [Ável Investimentos](#), realizada em [09/07/2020](#)



“[AMB e BTG](#)”, com [André Esteves, Sênior Partner do BTG Pactual](#), e [Marcelo Flora, Head do BTG Pactual digital](#), realizada em [16/07/2020](#)

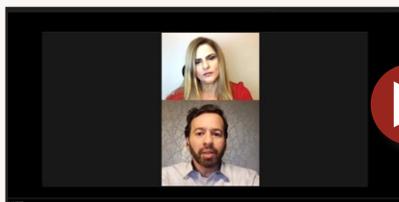


EDITORIAL

Lives nas quais participamos como convidados:



“Momento Econômico e Perspectivas”, em 07/05/2020



“Mercado Financeiro (Investimentos) Durante e Após a Pandemia”, em 03/06/2020

“Começando a Investir para o Futuro”, em 11/06/2020 (não gravada)



“Investimentos em Tempos de Juros Baixos”, em 02/07/2020



“Educação Financeira”, em 10/07/2020

Na *live* com a Empiricus firmamos parceria em que a empresa fornece descontos aos nossos associados para a assinatura de relatórios. Acesse o conteúdo e o *link* direto para a página com os descontos clicando no botão abaixo:

Quero conhecer a parceria entre a AMB e a Empiricus





EDITORIAL

Nesta próxima quinta-feira (23/07), às 19hs, faremos mais uma *live*, dessa vez com Tiago Reis e o Prof. Marcos Baroni, da Suno Research, na qual seremos apresentados à empresa e falaremos sobre Fundos Imobiliários (FIIs), tema no qual o Prof. Baroni é especialista e um dos analistas de maior destaque e respeito no ramo.

A inscrição para participar dessa *live* poderá ser feita [clicando neste link](#).

23 DE JULHO, ÀS 19H

SUNO RESEARCH E OS INVESTIMENTOS EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS

LIVE SUNO

Tiago Reis
Fundador e estrategista chefe da Suno Research

Paulo Camargo
Diretor de Planejamento Financeiro para Magistrados da AMB

Marcos Baroni
Analista CNPI, especialista em Fundos Imobiliários da Suno Research e professor em curso de graduação e MBA

INSCRIÇÃO DE 16 A 22 DE JULHO

AMB
Associação dos Magistrados Brasileiros

(SUNO)

Nosso calendário de *lives* têm sido divulgado através do nosso

Canal Oficial

e do nosso grupo no Telegram e nos grupos de WhatsApp.

Confirmadas, além desta mencionada, temos com a Nord Research (30/07), com a Life Time (06/08) e o com o maior investidor pessoa física brasileiro, Luiz Barsi Filho (20/08). Em negociação e em fase de confirmação de datas temos conversas com Gustavo Cerbasi e Fernando Ulrich, sempre que possível às quintas-feiras, no final da tarde ou início da noite.



EDITORIAL

Aproveito a oportunidade para fazer um agradecimento especial ao *backoffice* que nos auxilia na AMB para que tudo ocorra de forma perfeita. Temos funcionárias(os) dedicados, pacientes e competentes, saibam disso.

Nesta edição, além de fazer um novo resumo sobre o panorama atual, traremos, na Seção “Você Sabia?”, informações sobre os benefícios de começar a investir o quanto antes e como podemos nos beneficiar dos juros compostos, mesmo que comecemos com pouco dinheiro!

Para entrar no nosso canal do Telegram, basta instalar o aplicativo em seus smartphones e em seguida **CLICAR AQUI.**

Nosso email planejamento.financeiro@amb.com.br continua à disposição de todos para dúvidas, críticas e sugestões.

Por fim, aos que desejarem conversar com outros Juízes sobre questões financeiras e de investimentos através do WhatsApp, solicitem o ingresso no grupo também pelo nosso email, indicando o nome completo, comarca e Tribunal ao qual está vinculado **e seu número de WhatsApp.**

Sigamos em frente, porque ainda temos muito trabalho.

Boa leitura!!!





PANORAMA ATUAL



Para sairmos da mesmice, deixaremos de lado a dança das cadeiras ocorrida no Ministério da Educação desde o Boletim nº 05. Teve ministro definitivo que pediu demissão antes mesmo de tomar posse, enquanto há ministro “interino” que em breve completará dois meses no cargo! Coisas que, aparentemente, só acontecem no Brasil.

Mas como esse fato não trouxe consequências relevantes para o mercado financeiro, não nos aprofundaremos nele.

No cenário político, o que temos visto desde o nosso último Boletim (quando ainda havia alguma tensão entre os três Poderes) é uma mudança em que



PANORAMA ATUAL

se busca o consenso sobre temas relevantes para a economia brasileira, especialmente a retomada das negociações para as reformas administrativa e tributária, especialmente essa última, cuja apresentação pelo Poder Executivo ao Senado está agendada já para essa terça-feira, 21 de julho.

Com um tom mais parcimonioso e amigável e cedendo a algumas pressões do “Centrão”, a Presidência da República tem conseguido obter apoio do Congresso para cumprir algumas de suas pautas mais relevantes, o que, de certa forma, anima o mercado financeiro, que antevê os fatos e começa a trabalhar com incertezas cada vez menores (ou, olhando sob a ótica do “copo meio cheio”, com certezas cada vez maiores). E quanto mais certeza e estabilidade houver, mais empolgado o mercado fica. Não pela mera empolgação, mas pela possibilidade de se fazer um planejamento de longo prazo com alguma segurança.

Cabe aqui um esclarecimento: não trazemos opiniões pessoais ou institucionais acerca dos eventos e acontecimentos políticos e nem apoiamos ou somos contrários às atitudes dos governantes e dos membros de outros poderes; apenas trazemos os fatos, as nossas impressões e as reações do mercado quanto a tais acontecimentos.





PANORAMA ATUAL

Essa redução das incertezas (não que olhemos o copo meio vazio, mas “incerteza” no Brasil é algo tão comum que não temos como ignorar que, a qualquer momento, novas incertezas surgirão), sem dúvida, tem sido um dos fatores que têm contribuído para a recuperação da bolsa de valores, mas dessa vez longe está, ao menos no nosso humilde ponto de vista, de ser o principal.

Façamos uma breve reconstituição do que ocorreu desde fevereiro.

Durante o carnaval, feriado no Brasil, desentendimentos entre os países membros da OPEP+, especialmente Rússia e a Arábia Saudita, derrubaram os preços do petróleo, dando início à derrocada dos ativos brasileiros e de todo o mundo. A abertura dos mercados somente na quarta-feira de cinzas (aqui no Brasil) deu início às rápidas e intensas quedas no índice, que se seguiram no mês de março, já por conta do avanço do Coronavírus e da necessidade de se instituir o *lockdown* no norte da Itália. Tivemos, nos meses de fevereiro e março de 2020, quedas de -8,43% e incríveis -29,9%, respectivamente, alcançando, ao final de março, um prejuízo acumulado no ano de 30,39%.

A sequência, porém, foi bastante positiva, com altas de 10,25%, 8,57% e 8,76% nos meses de abril, maio e junho. Neste mês de julho, até o pregão da última sexta-feira, 17/07, o índice trazia alta de 8,24% (e neste exato momento, 12h do dia 20/07, o Ibovespa sobe mais 0,80%), tendo superado novamente a barreira dos 100.000 pontos (neste momento supera os 103.600 pontos).



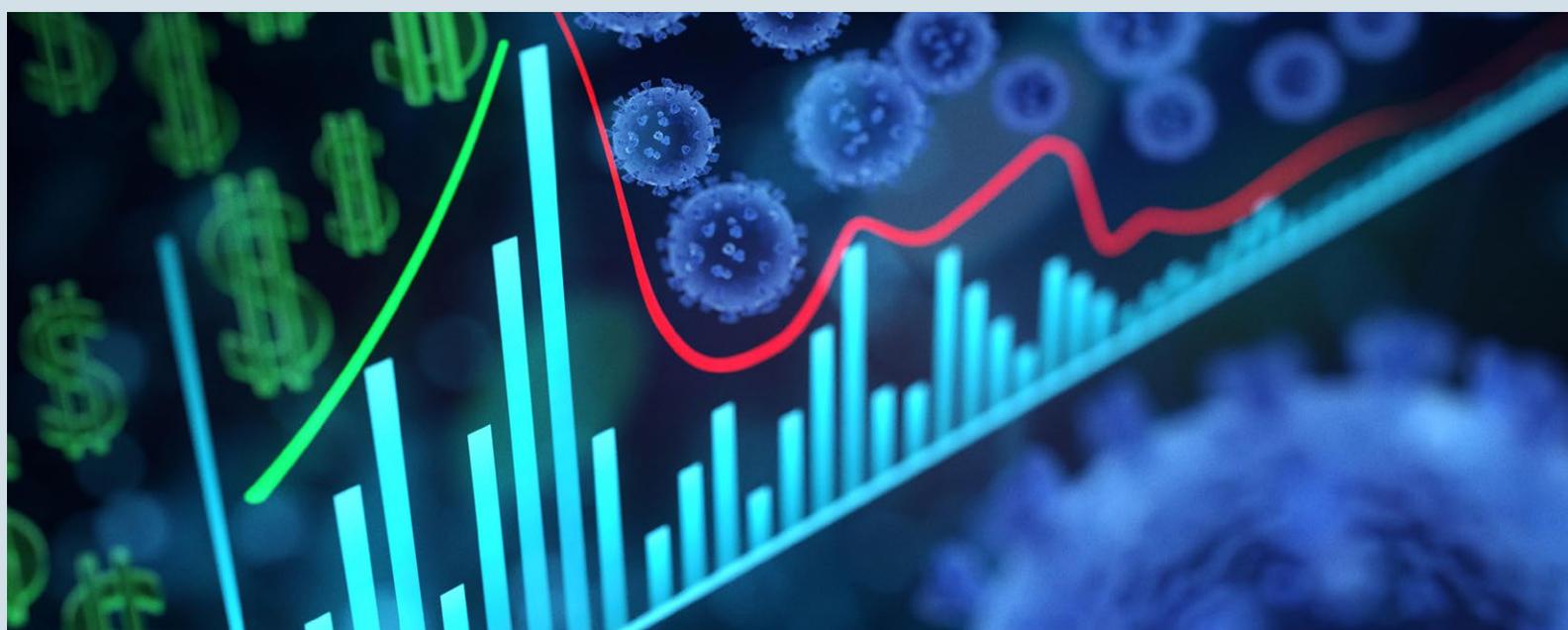


PANORAMA ATUAL

Conquanto ainda não tenhamos alcançado os números pré-pandemia, quando o Ibovespa chegou aos 119.593 pontos no mês de janeiro, parece que finalmente podemos admitir que o pior já ficou para trás, embora, de verdade, só teremos condições de fazer essa afirmação com segurança quando tudo voltar ao normal, as empresas voltarem à sua plena atividade, os governos apresentarem números seguros de uma atividade produtiva concreta e quando existir uma vacina eficaz em fase de comercialização e produzida em larga escala, pois o que temos até o momento são meras expectativas (quem nos garante que em um futuro próximo não precisemos fechar tudo novamente?).

De qualquer forma, para aqueles que têm perfil para investir em renda variável e não apenas suportaram as quedas, mas aumentaram suas posições em bolsa no final de março (quando a bolsa já havia superado o que hoje sabemos que foi o “fundo” – naquele momento ainda não sabíamos), nos novos aportes já obtiveram rentabilidade de 40,91% (até o fechamento do pregão de sexta-feira, 17/07), reduzindo os prejuízos anteriores ou até mesmo zerando-os.

Não acreditamos, sinceramente, que voltaremos ao cenário de março e abril. É muito pouco provável. As economias, aos poucos, estão reabrindo, especialmente as que receberam a “visita” do Coronavírus antes de nós.





PANORAMA ATUAL



Brasil e Estados Unidos ainda são os países com maior número de infectados no momento, mas, assim como os demais países que passaram por crises mais agudas, como Itália, Espanha e França, a tendência é que em breve estejamos vivendo em um contexto mais tranquilo, especialmente porque as notícias sobre a eficácia dos testes com vacinas contra a COVID-19 são cada vez mais frequentes.

A paralisa da produção e do comércio derrubou os juros e a inflação no Brasil e no mundo. Vivemos taxas de juros de curto prazo nunca antes vividas, com a Selic a 2,25% e com possibilidade de nova queda residual de 0,25% na próxima reunião do COPOM, já no início de agosto.

Diferentemente das expectativas para as reuniões anteriores, dessa vez, ao menos por enquanto, não há um consenso quanto a novo corte, porque o próprio COPOM, no comunicado referente à última reunião, deu sinais de que pode ter concluído o ciclo de cortes da taxa básica de juros, apesar de admitir a possibilidade desse “corte residual”, se as condições do mercado forem favoráveis. Porém, a taxa de câmbio, não tão elevada como estava em



PANORAMA ATUAL

maio, quando se aproximou dos R\$ 6,00 por dólar, e a inflação, que no mês de junho, embora positiva, veio abaixo das expectativas de mercado (+0,26%), depois de dois meses de queda (-0,31% e -0,38% nos meses de abril e maio, respectivamente), podem justificar o tal corte residual de 0,25% em agosto.

Até lá, os *players* do mercado ainda terão muito a discutir e a concluir, mas talvez a próxima seja a reunião com maior incerteza quanto ao resultado nesse período de crise. É consenso, porém, que ainda que haja novo corte, não será maior que 0,25%, pois essa foi a “brecha” dada pelo próprio COPOM.

Sem contar tudo isso, os Bancos Centrais continuam a despejar dinheiro na economia, aumentando ainda mais a liquidez, ou seja, a quantidade de dinheiro em circulação.

Conforme dissemos no início dessa Seção, não acreditamos que a redução das incertezas políticas tenha sido o fator determinante para a recuperação da bolsa. E é por isso que discorremos sobre a COVID-19, os juros e a liquidez antes de chegarmos à conclusão, pois a conjunção de todos esses fatores é que está gerando uma busca por ativos de risco e que entregam, no longo prazo, maior rentabilidade do que a renda fixa em período de juros tão baixos.

Com tanto dinheiro no mercado, decorrente dos estímulos econômicos dos governos e dos auxílios dados à população, há dinheiro demais em circulação e os detentores desse dinheiro, muitas vezes sem ter onde usá-lo (afinal, muitos estabelecimentos estão fechados) procuram rentabilizá-lo de alguma forma.

Passa-se, então, a um segundo ponto de análise: investir em quê?





PANORAMA ATUAL

A renda fixa perdeu atratividade em todo o mundo, inclusive no Brasil, país que historicamente teve juros elevados, não raro tendo os juros mais altos do mundo, deixando os brasileiros mal acostumados, pois nunca precisaram tomar risco para rentabilizar bem seus investimentos. Dessa vez, porém, juntamos às maiores economias e trabalhamos com taxas de juros reais negativas, considerando o CDI próximo a 2,15% ao ano e a inflação acumulada nos últimos 12 meses de 2,13%. Deduzam-se os impostos e os custos operacionais de certos investimentos e a rentabilidade líquida real será negativa.

Enfim, embora sejamos obrigados a admitir que temos que ter renda fixa em uma carteira equilibrada de investimentos, não podemos ignorar que assumir riscos passou a ser necessário para quem busca não apenas a preservação de seu dinheiro, mas também o aumento do capital investido.

E chegamos, então, ao terceiro tópico: o aumento da confiança do investidor em razão da reabertura gradual da economia e das novas notícias positivas acerca de uma vacina eficaz.

Juntamos tudo e temos a seguinte fórmula: Excesso de liquidez + aumento da confiança + renda fixa com baixa remuneração = migração do dinheiro para a renda variável.

E a lei da oferta e da demanda dá o toque final: quanto maior a busca por um produto finito, maior a tendência de ele ficar mais caro e, daí, o resultado é a elevação dos preços dos ativos e a valorização das bolsas de valores.





PANORAMA ATUAL

Esse tem sido um movimento mundial. Não está restrito ao Brasil. A propósito, o Brasil está “atrasado” nesse movimento de recuperação em relação a outros mercados, inclusive de países emergentes. A procura por ativos de risco trouxe milhões de novos investidores pessoas físicas à Bolsa de Valores e por isso que, mesmo com a continuidade do movimento de saída do capital estrangeiro do país, a bolsa continua se valorizando.

É um movimento denominado de “*Tina*”, acrônimo para “*There Is No Alternative*”, ou seja, não há alternativa para quem pretende rentabilizar seu capital.

O que virá depois que tudo passar ainda é uma incógnita. O que muitos chamam de “novo normal” ainda é desconhecido, embora já comecem a surgir algumas previsões... que não passam de previsões.

O excesso de cautela, tão recomendada nos boletins anteriores, começa a ficar cada vez mais para trás.

Não que isso signifique que devemos assumir riscos desmedidos. Não, isso nunca diremos. Os riscos devem ser sempre avaliados, mensurados e adequados ao perfil de cada um, mas *apimentar* a carteira de investimentos, neste momento, é algo útil e necessário, mesmo para os mais conservadores.

Afinal, ***There is no alternative!***





VOCÊ SABIA?



Do Boletim nº 03 ao de nº 05 temos tratado da organização financeira doméstica, passando orientações aos nossos leitores acerca de como devemos agir para mudar a nossa consciência como “administradores” de nossas finanças domésticas e de como controlar e diagnosticar a nossa situação individual familiar. Para essa finalidade, fornecemos uma planilha de acompanhamento.

Os que nos seguem, à essa altura do mês de julho, devem estar fazendo as anotações de gastos para que, a partir de agosto, comecemos a trabalhar com os resultados obtidos.

Porém, neste momento, em que as anotações ainda estão sendo feitas, pouco temos a acrescentar.



VOCÊ SABIA?

Voltaremos ao assunto no próximo boletim, já no mês de agosto, quando as despesas e receitas do mês de julho estejam todas preenchidas.

Mesmo depois da virada do mês, continuem as anotações. O ideal é termos pelo menos três meses de amostra.

E não se esqueçam de que os cartões de crédito com vencimento no início de agosto provavelmente terão suas datas de corte nos próximos dias ou semanas. A partir dela, comecem a anotar seus gastos feitos com cartão na coluna do mês de setembro, pois é o mês em que as despesas serão efetivamente pagas.

Independentemente de não nos aprofundarmos nesse assunto neste Boletim, continuamos à disposição de todos, pelo grupo do Telegram ou através do nosso email planejamento.financeiro@amb.com.br, para esclarecer as dúvidas que venham a surgir.

Para quem não acompanhou os Boletins mencionados, seguem os links para acessá-los.



Para baixar a planilha:

Planilha de Controle de Fluxo de Caixa Doméstico

E para baixar o tutorial:

Tutorial para a Planilha



VOCÊ SABIA?

Se desejarem também acessar os anteriores:

**Boletim
nº 01**



**Boletim
nº 02**



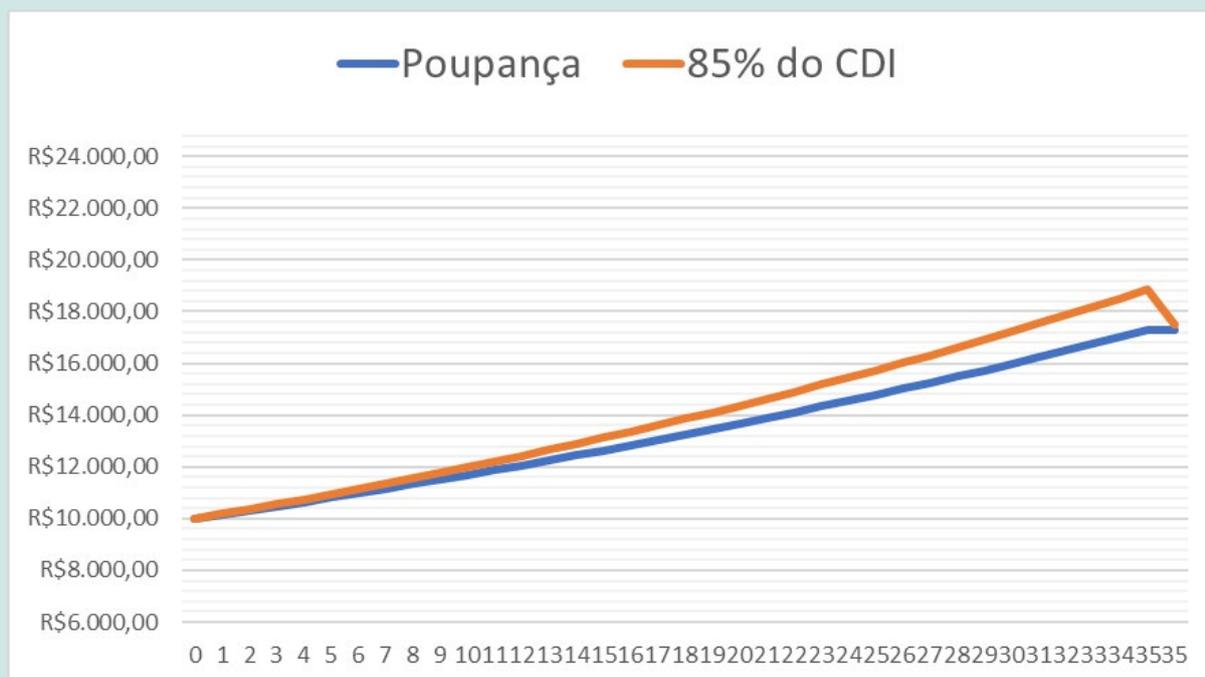
Passada essa observação, hoje mostraremos, através de gráficos, o quanto nosso dinheiro pode se valorizar ao longo do tempo quando investimos cedo e com qualidade, beneficiando-nos dos juros compostos.

E a observação que sempre fazemos nas *lives* que trataram do tema é aqui reiterada: **enganam-se os que pensam ser necessário muito dinheiro para começar a investir**, pois com menos de R\$ 50,00 é possível investir em títulos do Tesouro Direto, comprar cotas de Fundos Imobiliários e até mesmo ações.

Dois parágrafos antes mencionamos dois fatores relevantes para conseguirmos ter um patrimônio confortável quando estivermos aposentados, momento em que, em regra, nossa receita se reduz e nossas despesas aumentam: tempo e investimentos de qualidade.

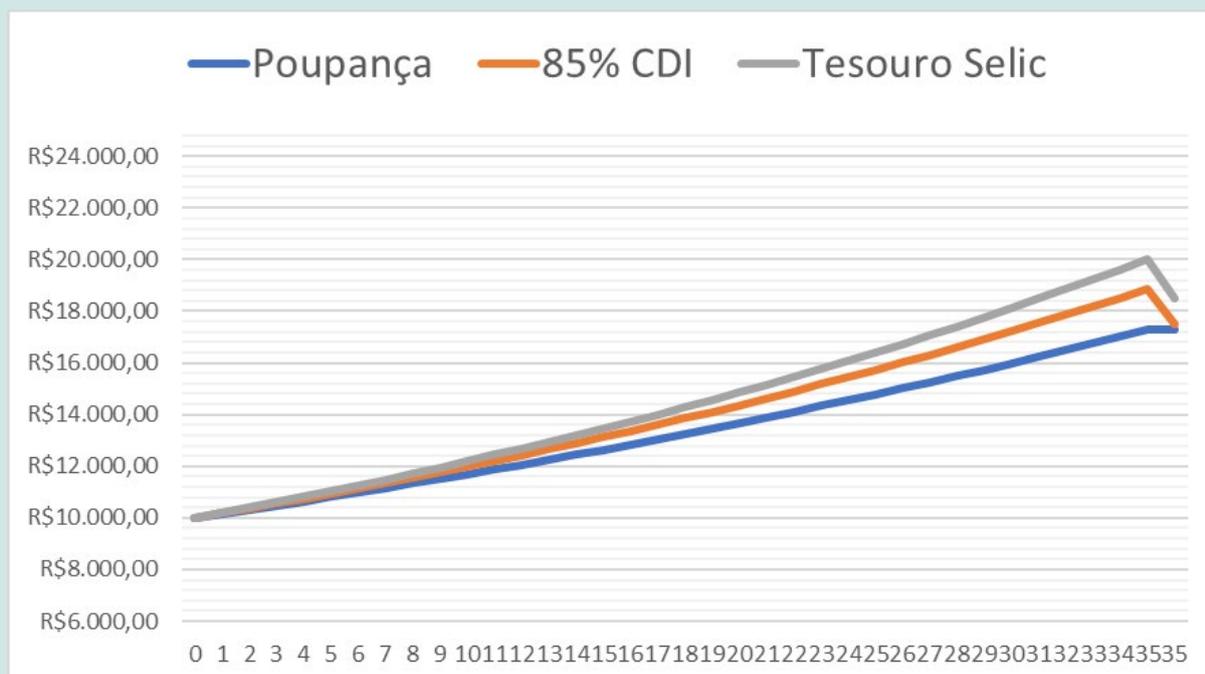
Para darmos uma amostra dos efeitos do tempo e das taxas sobre os nossos investimentos, simulamos alguns cenários partindo de uma taxa Selic a 2,25% ao ano (taxa atual) e um prazo de 35 anos pela frente. Para esses exemplos, consideramos o CDI como sendo 2,15%.

Então, se investíssemos R\$ 10.000,00 no ano zero em um CDB que pague 85% do CDI (produto bastante oferecido nos grandes bancos comerciais) e na caderneta de poupança (que paga 70% da Selic), teríamos o seguinte resultado ao final dos 35 anos, sem que nenhum outro aporte tenha sido feito durante todo o tempo:



Ao término dos 35 anos, teríamos um resultado de R\$ 17.279,81 na caderneta de poupança e de R\$ 17.521,00 do CDB, já descontado o Imposto de Renda de 15% incidente sobre os ganhos com o CDB (essa é a razão do decréscimo na parte final da linha alaranjada).

Caso buscássemos um investimento um pouco melhor como o Tesouro Selic¹, que rende 100% da Selic, mas contém uma taxa de custódia de 0,25% paga à B3 e incidência de imposto de renda, já conseguiríamos um resultado melhor:



1

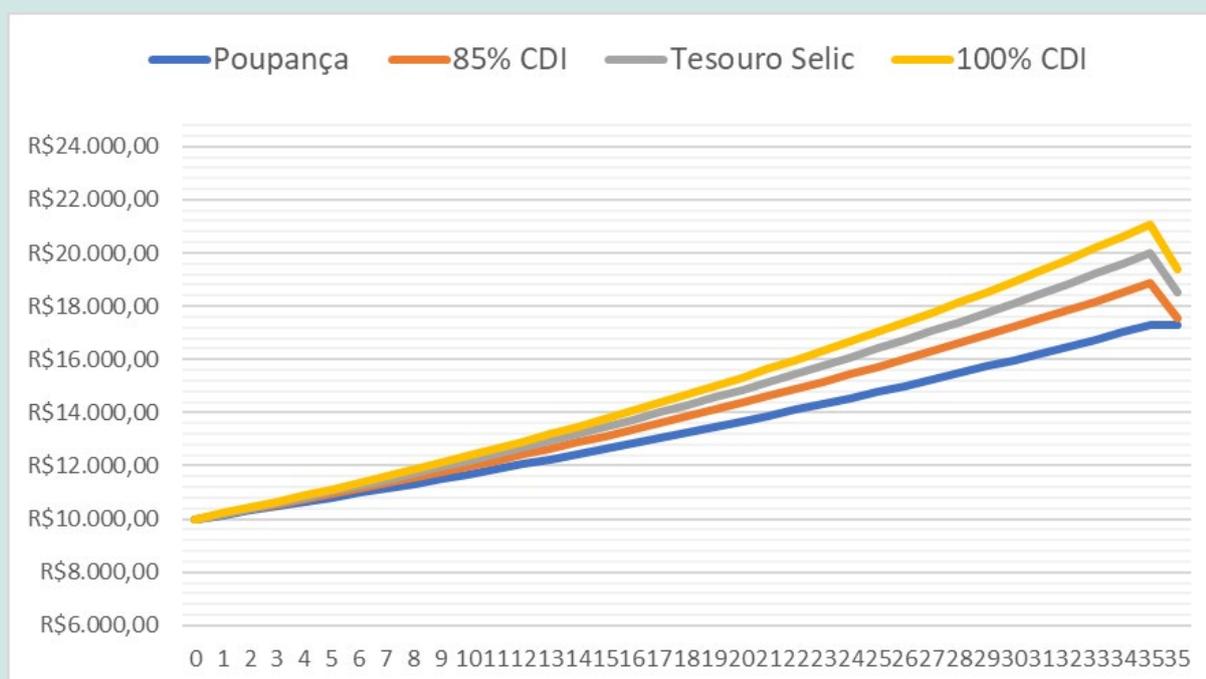
Falamos mais sobre o Tesouro Selic no [Boletim nº 01](#)



VOCÊ SABIA?

Nesse caso, o investimento no Tesouro Selic alcançaria, ao final do período, a quantia de R\$18.499,06, ou seja, 12,19% a mais do que a caderneta de poupança, mesmo considerando todas as taxas e impostos.

Ao buscarmos uma rentabilidade ainda melhor, optando por um CDB que nos pague 100% do CDI (com incidência de Imposto de Renda), teremos o seguinte resultado:

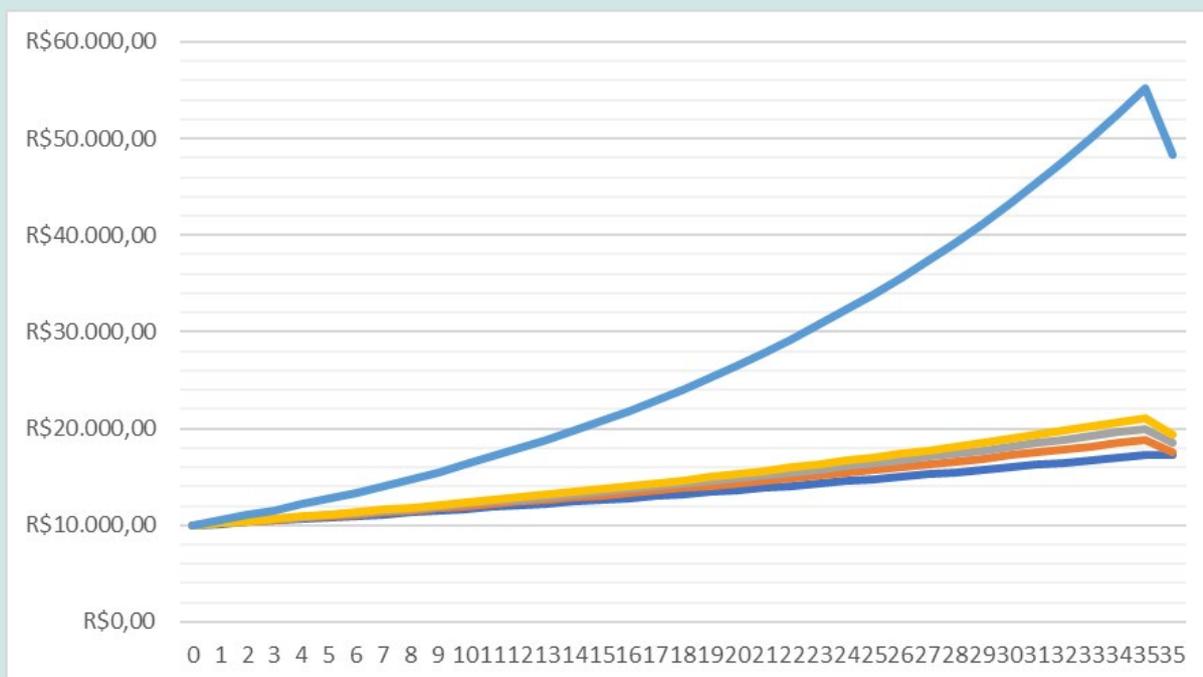


Nosso novo CDB nos dará, ao final do período, R\$19.396,24, ou seja, 21,16% a mais que a caderneta de poupança.

Os que ainda “investem” em caderneta de poupança talvez tenham se animado com o resultado 21,16% maior...

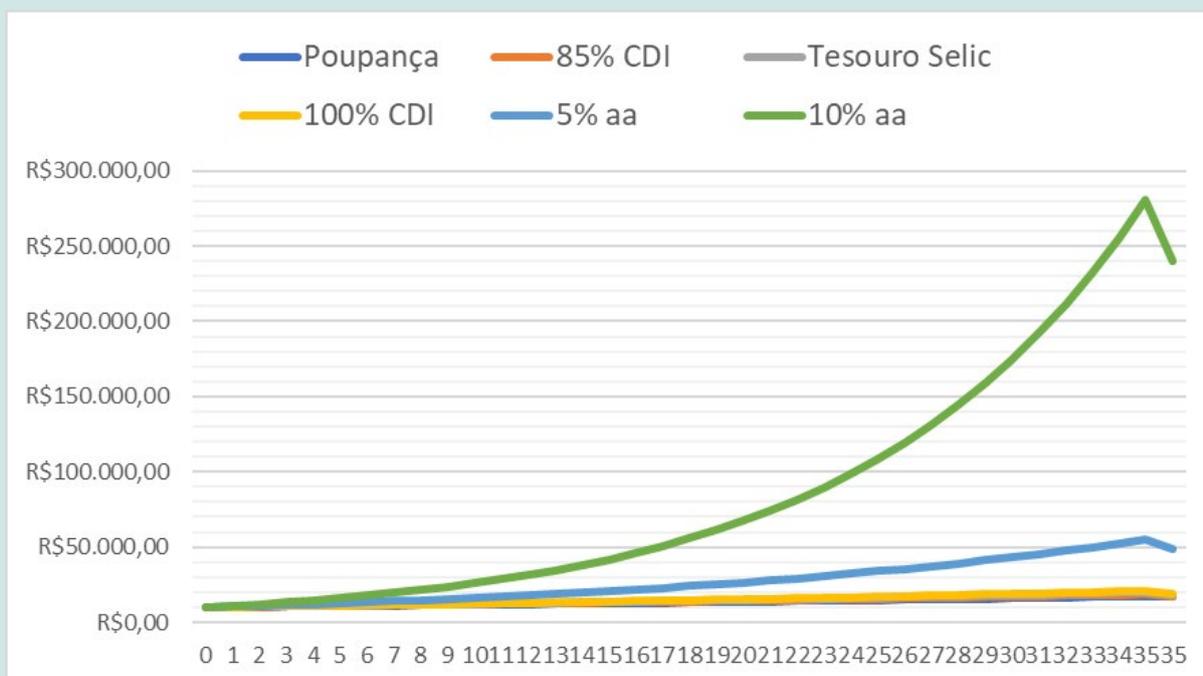
Saibam, porém, que é pouco! Muito pouco.

Se conseguirmos diversificar um pouco mais e obtermos algo em torno de 5% ao ano, veremos nosso gráfico ter a seguinte configuração:



O investimento inicial de R\$ 10.000,00, remunerado a 5% ao ano (linha azul superior), terminou o período tornando-se R\$ 48.386,13, quase o triplo do valor obtido na caderneta de poupança no mesmo período.

E se nos for possível obter uma taxa de 10% ao ano, os R\$ 10.000,00 se tornariam...



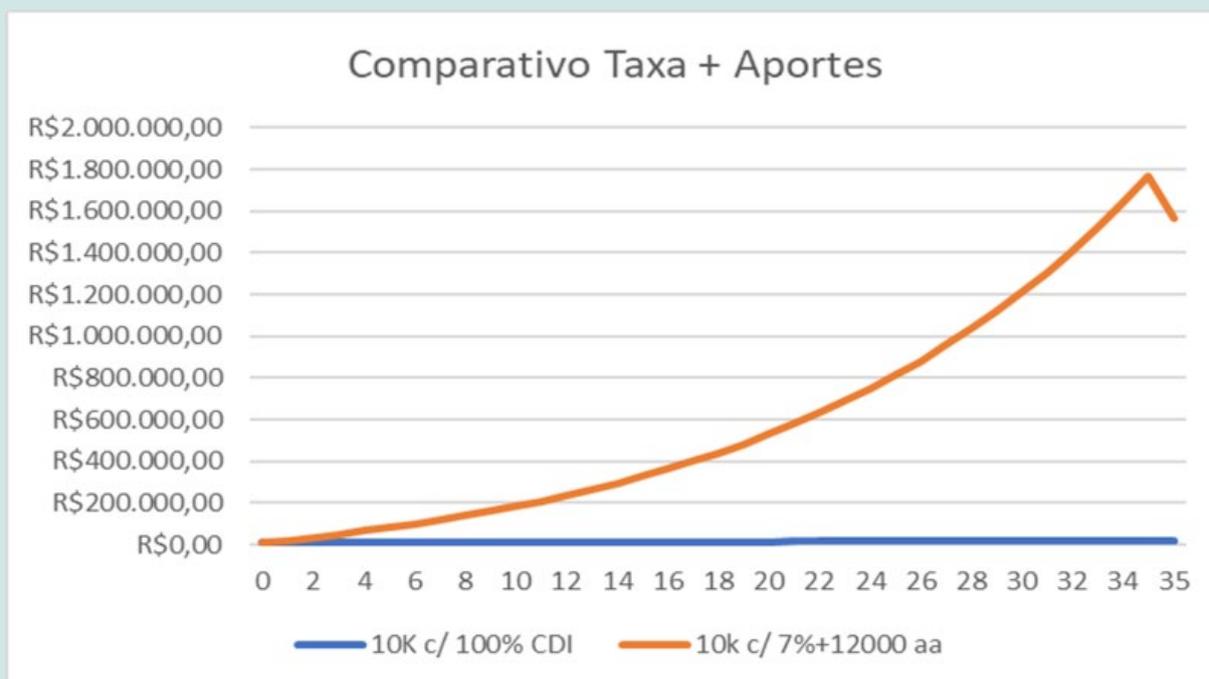
... R\$240.370,71.



VOCÊ SABIA?

Isso sem que façamos novos aportes ao longo dos 35 anos.

E se fizéssemos?



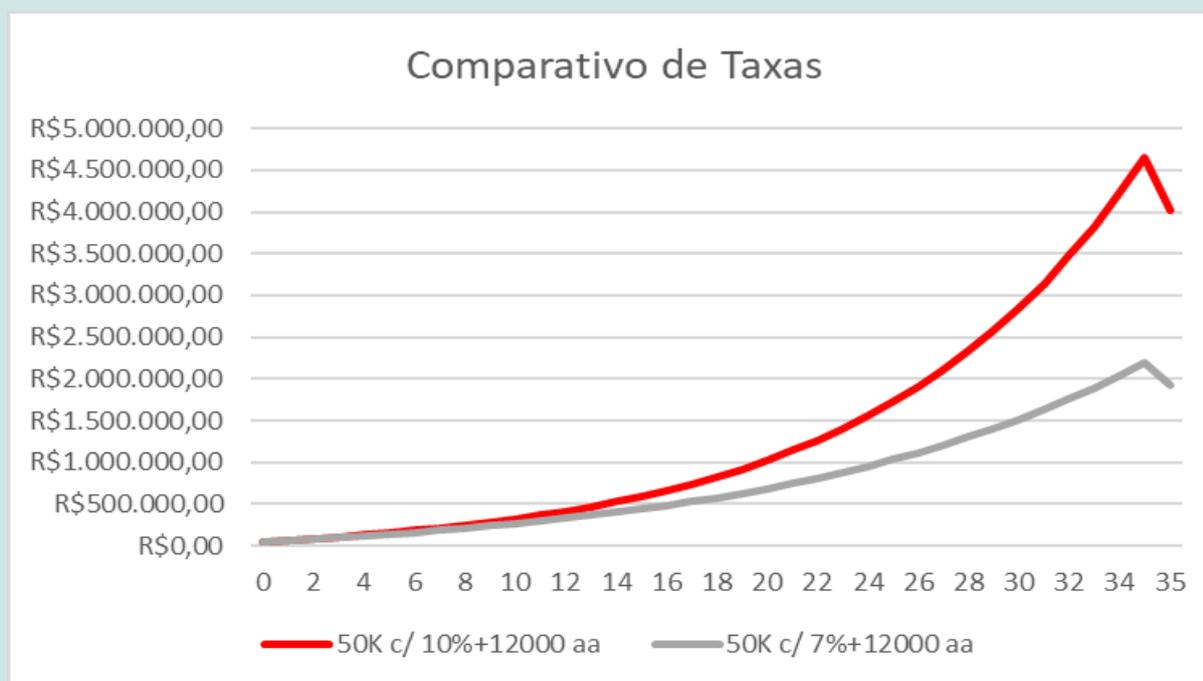
No gráfico acima, simulamos o mesmo investimento inicial de R\$ 10.000,00, buscando rentabilidade média de 7% ao ano (portanto, inferior aos 10% propostos no gráfico anterior), mas com uma diferença significativa: aportes anuais de R\$ 12.000,00, ou seja, R\$ 1.000,00 por mês. Teríamos, ao final do período, R\$1.565.267,10 (um milhão, quinhentos e sessenta e cinco mil, duzentos e sessenta e sete reais e dez centavos).





VOCÊ SABIA?

E para finalizar, se aumentássemos o nosso aporte inicial para R\$ 50.000,00, mantendo aportes anuais de R\$ 12.000,00, teríamos os seguintes resultados em cenários de 7% e de 10% ao ano de rentabilidade:



Na linha vermelha: **R\$4.029.302,12**. Na linha cinza: **R\$1.934.270,87**.

O que se busca mostrar, com todos esses exemplos, é que alcançar taxas melhores de remuneração nos traz resultados fantásticos ao longo dos anos em comparação com as taxas “mediócras” da caderneta de poupança e do CDI nas condições atuais. É evidente que para obtermos taxas melhores temos que assumir mais risco; porém, no longo prazo, avaliados os riscos, os prejuízos advindos de crises se dissipam entre os ganhos obtidos em período de normalidade.

Dirão, com razão, que todos os cálculos aqui apresentados desconsideram a inflação. É verdade. Eles consideram taxas de juros reais, ou seja, já descontada a inflação, o que torna mais difícil obter rentabilidades elevadas. Mas obtê-las não é impossível, ainda mais para quem tem muito tempo pela frente e pode assumir mais riscos pensando no longo prazo.



VOCÊ SABIA?

Além disso, é possível investirmos em títulos públicos com vencimento em 35 anos que pagam, além da inflação, uma taxa de 3,85% ao ano (Tesouro IPCA+ com juros semestrais 2055, referência 17/07/2020, 15h21)², ou seja, 3,85% ao ano de taxa real, qualquer que seja a inflação.

E se na renda fixa com títulos públicos conseguimos essa taxa, certamente diversificando nossos investimentos conseguiremos obter, **no mínimo**, 5% de juros reais ao ano.

Um bom exemplo disso é demonstrado pelo gráfico do Ibovespa:



Acima, a representação de 30 anos do Ibovespa, desde 1991.

Até o dia 10 de julho de 2020, o índice se valorizou 6.578,29% ou 15,0329% ao ano, mesmo passando por diversas crises no meio do caminho, inclusive a do Coronavírus (os *candles* escuros do gráfico representam os anos em que o resultado anual foi negativo e, os brancos, resultado anual positivo).

Warren Buffet, considerado o maior investidor e um dos homens mais ricos do mundo, fez sua empresa, a Berkshire Hathaway, crescer 21% em dólares, ao ano, entre 1965 e 2017³.

2 Fonte: www.tesourodireto.com.br, consulta feita em 19/07/2020, 23h17)

3 Póvoa, Alexandre. VALUATION: como precificar ações - 2ª edição - São Paulo: Atlas, 2020.



VOCÊ SABIA?

Temos a humildade de, conhecendo as nossas limitações, saber o quanto é difícil obter 21% de retorno anual, mas se o “*Oráculo de Omaha*” nos mostrou ser possível obter esse retorno, será que buscar algo entre 7% a 10%, como utilizado nos exemplos dados, seria tão fora de propósito?

Parece-nos factível.



CONCLUSÃO

Nossos investimentos devem ter como foco o longo prazo.

É certo que alguns dos nossos planos são mais curtos e temos que nos adaptar a eles, mas não nos esqueçamos da nossa “melhor idade”. Além dos planos de curto prazo, devemos também planejar uma aposentadoria mais tranquila e, para isso, podemos contar com o benefício do tempo e dos juros compostos a nosso favor, especialmente as pessoas mais novas.

Quanto maiores forem os nossos aportes mensais ou anuais, maior será o nosso resultado ao final, mas isso não nos impede de começar de imediato, ainda que com um valor pequeno, se esse for o caso.



CONCLUSÃO

Ao longo deste boletim simulamos cenários de juros baixos e com investimento inicial de R\$ 10.000,00, sem aportes posteriores.

Se vocês investissem outras das suas economias em investimentos mais seguros e R\$ 10.000,00 ficassem investidos na bolsa de valores por 35 anos, obtendo a mesma rentabilidade média que o Ibovespa teve, de 15,0329% ao ano, os R\$ 10.000,00 teriam se tornado, depois dos mesmos 35 anos, R\$ 1.345.155,00 (um milhão, trezentos e quarenta e cinco mil, cento e cinquenta e cinco reais), sem contar os ganhos com pagamentos de proventos feitos pelas empresas aos seus acionistas (dividendos, juros sobre capital próprio e bonificações), que aumentariam consideravelmente esses ganhos.

E para terminar a “festa”, utilizando a mesma rentabilidade (15,0329% ao ano), mas com um aporte inicial maior, de R\$ 50.000,00, o resultado final, depois de 35 anos, seria, somente para essa “parcela de risco”, R\$ 6.725.775,00 (seis milhões, setecentos e vinte e cinco mil, setecentos e setenta e cinco reais), fora os proventos.

Nada mal, não é mesmo?

Ou seja, basta uma quantia não muito elevada em investimento de maior risco para que o capital se multiplique significativamente ao longo do tempo, ainda que vocês mantenham a maior parte de seus investimentos em produtos mais estáveis e seguros.

Não podemos deixar de fazer o tradicional disclaimer: rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Mas para uma amostra de 30 anos de Ibovespa, podemos acreditar ser possível conseguirmos rentabilidade não tão diferente dessa nos próximos 30 anos, ainda que encontremos pedras no meio do caminho... E com certeza haverá muitas delas no caminho.



CONCLUSÃO

O segredo, portanto, é termos paciência, buscarmos melhorar a rentabilidade da nossa carteira de investimentos e, se possível, começar cedo.

Bora?



Não se esqueçam de mandar suas sugestões para a Seção “Você Sabia?” para o nosso email

planejamento.financeiro@amb.com.br

AMB, 20 de julho de 2020, 12h20.

PAULO ALEXANDRE AYRES DE CAMARGO, CFP®

CLÁUDIA DO ESPÍRITO SANTO



PLANEJAMENTO FINANCEIRO PARA MAGISTRADOS

BOLETIM - nº 6



AMB
Associação dos
Magistrados
Brasileiros



www.amb.com.br

+55 (61) 2103-9000